

Kairós: o momento oportuno em Goethe e Thoreau

RESUMO

Klaus F. W. Eggensperger
klausegge@gmail.com
Universidade Federal do Paraná (UFPR),
Curitiba, Paraná, Brasil.

Marcus Mazzari
mazzari@usp.br
Universidade de São Paulo (USP), São
Paulo, Brasil.

O presente texto documenta a leitura comentada que encerrou o evento “Ressonâncias” no dia 09/11/2024. A escolha dos trechos de Goethe e os respectivos comentários são da autoria do professor Marcus Mazzari, USP (MM), enquanto a pequena introdução, a escolha dos trechos de Thoreau e os respectivos comentários são da autoria do professor Klaus Eggensperger, UFPR (KE). Para esta versão os autores revisaram seus comentários e incluíram as referências bibliográficas necessárias. As (ex-)alunas da Pós-graduação em Letras da UFPR Geisa Mueller, Priscila Prado e Liz Oliveira, fizeram as leituras em voz alta das obras literárias escolhidas.

KEYWORDS: Goethe. Thoreau. Kairós.

KE

Os gregos antigos conheciam dois modos diferentes de compreender e experimentar o tempo, representados de forma alegórica pelas figuras divinas de Kairós e Cronos. Este último personifica o fluxo de tempo quantificável, a sucessão irreversível do antes, do agora e do depois, que acontece independente de qualquer influência. Kairós, no entanto, se refere à dimensão de um instante singular, a um período ou ponto individual do tempo e costuma ocorrer de forma imprevista. Com Kairós saímos do tempo cronológico para experimentar a boa ocasião, o instante oportuno, o momento feliz ligado a uma determinada experiência ou um certo tipo de conduta (WEINRICH, 2008, p. 107-111). Enfatiza-se assim o tempo presente – somente nele é possível experimentar a felicidade, que traz o sujeito à perfeita harmonia com o ser objetivo do cosmos (JAEGER, 2004, p. 477). Na teologia cristã, Kairós é o tempo de Deus e está ligado à experiência do divino.

É interessante observar os rastros lexicais que Cronos deixou nas mais diversas línguas europeias. Na língua portuguesa existem atualmente dezenas de palavras como crónico, cronologia, cronografia etc. que fazem parte do campo etimológico que remonta a Cronos. No entanto, procuramos em vão palavras derivadas de Kairós. Isto não pode ser mera coincidência: desde o final da idade média, a compreensão dominante do tempo na Europa está associada ao paradigma cronológico, não ao kairológico. Medir tempo e espaço de forma exata era importantíssimo para o projeto de colonizar o mundo não europeu. Durante o século 18, os britânicos desenvolveram e aperfeiçoaram o cronômetro, um medidor de tempo exato que permitiu determinar com precisão a longitude no mar. E um filho rebelde do império britânico, Benjamin Franklin, cunhou a famosa sentença *Time is Money*, que formula uma perspectiva totalmente oposta ao Kairós.

Junto ao expansionismo colonialista, o próprio continente europeu passou por um processo de colonização interna, ou de modernização, como preferem os adeptos do progresso ilimitado. Desde o século 18, o mundo cotidiano sofreu uma aceleração constante, enquanto as velhas formas de produzir, de trabalhar, de divertir-se e de viajar ficaram para trás. Limites milenários de tempo e espaço perderam sua validade. No século 21, os ritmos do capitalismo contemporâneo têm dominado os indivíduos com eficácia cada vez maior. Trabalhamos mais eficientemente, dormimos menos e nos divertimos mais rapidamente do que cinquenta anos atrás. Parece que o processo da transformação das estruturas temporais antigas, a aceleração de Cronos e o apagamento de Kairós, não tem fim. Os dois autores oitocentistas que são apresentados aqui, o americano e o alemão, testemunharam o início desse processo social e reagiram a isso nas suas obras.

MM

Como apresentação da complexa figura de Johann Wolfgang von Goethe gostaria de remeter à pequena biografia elaborada por Walter Benjamin (1892-1940) para uma enciclopédia soviética (publicada no Brasil em: *Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe*. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2009). Numa carta ao seu amigo Gershom Scholem, Benjamin chamou de “atrevimento divino” a decisão de escrever esse esboço biográfico que, em sua riqueza e percuciência, vai muito

além de um mero verbete enciclopédico. Graças, contudo, ao “atrevimento divino” do crítico alemão o leitor é contemplado com riquíssimo panorama da produção literária e científica goethiana, tudo sempre relacionado às circunstâncias de vida do poeta e à respectiva situação histórica alemã e europeia. Emerge assim uma surpreendente imagem de Goethe, alicerçada em agudas observações sobre os principais marcos de sua obra, como o Werther ou o Fausto, que estão no centro do evento ecocrítico de hoje.

Benjamin começa com uma observação de cunho sociológico sobre o nascimento do biografado:

Quando Johann Wolfgang Goethe veio ao mundo há mais de 270 anos, em 28 de agosto de 1749, em Frankfurt am Main, a cidade tinha 30.000 habitantes. Em Berlim, a maior cidade do Império alemão, contavam-se então 126.000 habitantes, enquanto que em Paris e Londres já havia na mesma época mais de 500.000.

A perspectiva sociológica retorna nos comentários dedicados à morte do autor do Fausto; contudo, entre as datas cardeais de nascimento e morte, Goethe produziu uma obra de cuja extensão se pode ter uma ideia trazendo à lembrança que a edição histórico-crítica (Weimarer Ausgabe) de suas obras, iniciada em 1887 sob os auspícios da Grã-Duquesa Sophie Wilhelmine Marie Louise e concluída em 1919, engloba nada menos do que 143 volumes. Além disso, há os 29 volumes da chamada Leopoldina-Ausgabe, a edição comentada e histórico-crítica dos trabalhos e escritos de Goethe sobre ciências naturais. Ao todo, portanto, 172 volumes!

Sobre a situação europeia no momento do falecimento do autor do Fausto, Benjamin observa:

Goethe morreu no dia 22 de março de 1832, logo após a conclusão da obra e quando o processo de industrialização da Europa se encontrava em crescimento desenfreado. Goethe previu esse desenvolvimento. Numa carta de 1825 a Zelter, lê-se o seguinte: “Riqueza e rapidez, eis o que o mundo admira e o que todos almejam. Ferrovias, correio expresso, navios a vapor e todas as possíveis facilidades de comunicação são as coisas que o mundo culto ambiciona a fim de se sofisticar e, desse modo, persistir na mediocridade. [...] Atenhamo-nos tanto quanto possível à mentalidade da qual viemos: com talvez mais alguns poucos, seremos os últimos de uma época que tão cedo não retornará”.

Selamento do Pacto-aposta, FAUSTO I

FAUSTO

Que queres tu dar, pobre demo?

Verso 1.675

Quando é que o gênio humano, em seu afã supremo

Foi compreendido pela tua raça?

Mas, possuis alimento que não satisfaça,

Rubro ouro que nas mãos já se desfaça

Como mercúrio, jogo estranho,
Perdido sempre e jamais ganho,
Mulher que já nos braços meus,
Piscando o olho, outro a si atraí;
Da glória o dom, prazer de um deus,
E que, a um meteoro igual, se esvai?
Mostra-me o fruto, podre antes que o colha,
E a árvore que de dia em dia se renova!

MEFISTÓFELES

De tais bens posso dar-te a escolha,
E põe-me o encargo a fácil prova.
Mas, caro amigo, o tempo ainda virá
De em calma saboreares o prazer.

FAUSTO

Se eu me estirar jamais num leito de lazer,
Acabe-se comigo, já!
Se me lograsses com deleite
E adulação falsa e sonora,
Para que o próprio Eu preze e aceite,
Seja-me aquela a última hora!
Aposto! e tu?

MEFISTÓFELES

Topo!

FAUSTO

E sem dó nem mora!
Se vier um dia em que ao momento

Disser: Oh, pára! és tão formoso!

Então algema-me a contento,

Então pereço venturoso!

Repique o sino derradeiro,

A teu serviço ponhas fim,

Pare a hora então, caia o ponteiro,

O Tempo acabe para mim!

MEFISTÓFELES,

Medita-o bem, que em minha mente o gravo.

FAUSTO

Nesse direito não te entravo,

Em vão não me comprometi.

De qualquer forma sou escravo,

Que importa, se de outro ou de ti.

MM

Na primeira das duas cenas ambientadas no gabinete de estudo de Fausto, Mefistófeles se deparou com o tradutor da Bíblia, revigorado pelo passeio ao ar livre na manhã de Páscoa e, assim, tomado por sentimentos nobres, pelo amor à divindade, à Natureza e aos seres humanos.

Não lhe pareceu ser o Kairós – o momento apropriado – para selar o pacto, mas na segunda cena “Quarto de trabalho” ele encontrará um Fausto mergulhado na mais profunda depressão.

É plenamente consequente que a aliança se concretize nesse momento em que Fausto expressa desespero e niilismo em face da condição humana (“E da existência, assim, o fardo me contrista, / A morte almejo, a vida me é malquista”) e profere maldições a tudo e a todos: “Do amor, maldita a suma aliança! / Maldita da uva a rubra essência! / Maldita fé, crença e esperança! / E mais maldita ainda, a paciência!”.

Tal como na literatura popular, no teatro de marionetes e na tragédia de Marlowe, também em Goethe o motivo do pacto constitui a cena crucial na história do Doutor Fausto. Contudo, há diferenças substanciais: naquelas narrativas e encenações teatrais, o pacto estabelece que Mefistófeles proporcionará a Fausto, durante a sua existência terrena (tradicionalmente ao longo de 24 anos), riquezas, prazeres sensuais, artes mágicas e também respostas

a todas as suas indagações; em contrapartida, o diabo se apoderará da alma do pactário no outro mundo.

Em Goethe, a aliança assume antes a forma de uma aposta, cujas insólitas condições se explicitam na segunda cena “Quarto de trabalho”, mas que só encontrará o seu desfecho no quinto e último ato do Fausto II.

Nem a versão inicial da tragédia (o chamado Urfaust) nem o Fragmento publicado em 1790 trazem o episódio desse pacto-aposta que redimensiona e inova genialmente toda a tradição fáustica. Somente por volta de 1800, após os desdobramentos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, Goethe encontrou por fim a fórmula pela qual esse titânico, insatisfazível doutor se compromete com Mefistófeles, fechando-se assim a “grande lacuna” que persistiu nos manuscritos do Fausto ao longo de quase trinta anos.

Se a inquietação de Fausto, se a sua eterna aspiração aplacar-se algum dia e ele entregar-se a um “leito de lazer”, à indolência e à fruição hedonista, se vivenciar um momento de felicidade em que possa exclamar: “Oh, para!, és tão formoso!”, então Mefisto terá ganho a aposta. Conforme observou Michael Jaeger, um dos mais importantes intérpretes contemporâneos da tragédia, com essa fórmula do pacto Goethe captou a lei estrutural da moderna sociedade industrial, de seu ritmo frenético, que torna tudo obsoleto (ver, nesse sentido, o ensaio JAEGER, 2007).

KE

Henry David Thoreau, filho de um imigrante inglês com antepassados protestantes franceses, nasceu e viveu na pequena cidade de Concord, Massachusetts, onde também faleceu em 1862, com quarenta e quatro anos de idade. Historiadores culturais consideram Concord, o “Weimar dos Estados Unidos”, pois vários dos escritores mais destacados do romantismo norte-americano viveram ali, inclusive Emerson e Hawthorne. Na época, Concord era o centro do movimento americano neo-idealista conhecido como transcendentalismo. Atualmente, Thoreau é um dos mais citados escritores americanos do seu século, sua fama internacional, no entanto, é relativamente recente.

Thoreau estudou letras clássicas, filosofia e ciências em Harvard, Boston. De volta a Concord, trabalhou como professor, como tutor dos filhos do casal Emerson e como agrimensor para os proprietários de terras da região. Além disso, foi durante muitos anos palestrante com a intenção de contribuir com a formação humanista da população da sua cidade. O título do seu ensaio mais conhecido, *Civil Disobedience*, é programático, indicando seu posicionamento político progressista e abolicionista. Thoreau considerava a escravidão no sul dos EUA simplesmente um crime contra a humanidade. Seu livro mais conhecido, *Walden*, também tem formato ensaístico e relata a experiência de viver sozinho durante dois anos e dois meses numa cabana construída por ele mesmo ao lado do lago Walden, perto da pequena Concord. Para o autor, a experimentação do real não é assunto de intelectual em seu gabinete, mas acontece com a imersão de um observador na materialidade do mundo (ONFRAY, 2017, p. 103). A filosofia thoreauviana era, acima de tudo, um modo prático de viver no presente, da maneira dos epicuristas

e estoicos greco-romanos (HADOT, 2019; HADOT, 2014), que seus amigos transcendentalistas compartilhavam. Precisamos perguntar “ourselves weekly – Is your life innocent enough? Do we live inhumanely – towards man or beast – in thought or act?”, anotou o vegetariano Thoreau no seu diário (cit. in WALLS, 2017, p. 348).

Os cientistas que Thoreau mais admirava eram os viajantes do mundo, Alexander von Humboldt e Charles Darwin, mas ele mesmo mal saiu da sua região. Sua viagem mais extensa o levou a apenas algumas centenas de quilômetros de distância, ao sul do Canadá. Ele se considerava “expert in Home-cosmography” (THOREAU, 2017a, Conclusion), alguém que se preocupa com o estudo e descrição do universo da sua terra natal. O naturalista, familiar com o estado científico da botânica e zoologia do seu tempo, costumava fazer longos passeios diários nos arredores de Concord. Ele era um botânico de campo altamente engajado que sabia diferenciar pelo menos quatrocentas flores nativas por conta própria (THOREAU, 2016, p. xvii, Introduction). Suas observações ao ar livre, sempre relacionadas ao ciclo anual das quatro estações, consideravam também a fauna local, principalmente as aves (EGGENSPERGER, 2022, p. 26).

Assim os ensaios de Walden tematizam o encontro de Thoreau com a flora e fauna da sua terra, principalmente na segunda parte do livro. Os primeiros capítulos, no entanto, focalizam-se na crítica das relações sociais prevalentes na Nova Inglaterra, a região da costa nordeste onde, dois séculos antes do nascimento do autor, a colonização britânica teve início. Na tradição filosófica da antiguidade, o autor reflete sobre sua relação consigo mesmo, a relação dos humanos com a natureza e especificamente as relações sociais entre seus conterrâneos, que critica fortemente já no primeiro capítulo da obra Walden:

A qualquer tempo, a qualquer hora do dia ou da noite, eu ansiava em penetrar na cunha do tempo e também cunhá-lo em meu bordão; colocar-me no cruzamento de duas eternidades, o passado e o futuro, que é exatamente o momento presente; pôr-me ali pleno e pronto. [...] Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver; e tampouco queria praticar a resignação, a menos que fosse absolutamente necessário. Queria viver profundamente e sugar a vida até a medula, viver com tanto vigor e de forma tão espartana que eliminasse tudo o que não fosse vida, recortar-lhe um largo talho e passar-lhe rente um alfanje, acuá-la num canto e reduzi-la a seus termos mais simples e, se ela se revelasse mesquinha, ora, aí então eu pegaria sua total e genuína mesquinha e divulgaria ao mundo essa mesquinha; ou, se fosse sublime, iria saber por experiência própria, e poderia apresentar um relato fiel em minha próxima excursão. (THOREAU, 2010, p. 29)

[...] A maioria dos homens, mesmo neste país relativamente livre, por mera ignorância e erro, vivem tão ocupados com as falsas preocupações e as lides desnecessariamente pesadas da vida que não conseguem colher seus frutos mais delicados. Os dedos, pelo excesso de trabalho, ficam demasiado trêpegos, trêmulos demais para isso. Na verdade, quem trabalha não tem tempo livre para uma autêntica integridade dia a dia; não pode se permitir manter as relações mais viris com os homens; seu trabalho seria depreciado no mercado. Não tem tempo de ser nada além de uma máquina. (THOREAU, 2010, p. 20)

KE

“Colocar-se no cruzamento de duas eternidades, o passado e o futuro, que é exatamente o momento presente, pôr-se ali pleno e pronto” – assim Thoreau descreve em *Walden* sua ideia de Kairós, na tradução bem sucedida de Denise Bottmann.

Conforme Thoreau, a grande maioria dos seus conterrâneos não era capaz de viver o momento feliz, viver profundamente, pois estava presa a coisas não essenciais da vida, seguiu ao imperativo do mercado e funcionava como uma máquina. Nega-se o Kairós em favor daquilo que ainda não existe – o futuro para o qual se trabalha e tenta acumular dólares.

Apesar de diferenças fundamentais entre as principais escolas de filosofia prática na Antiguidade, todas destacaram a importância da atenção na existência presente. O famoso *carpe diem* de Horácio resume uma ideia central tanto dos epicureus quanto dos estoicos, que Thoreau conhecia bem. Ele tornou-se um amante apaixonado pelo instante, para quem o verdadeiro pensamento filosófico sempre está ligado à prática do indivíduo. A filosofia como práxis da vida exige consequências para a pessoa que a pratica. O esforço de pensar sua vida vale quando é completado pelo viver seu pensamento. Assim, Thoreau chega a formular em *Walden* uma das suas sentenças mais conhecidas: Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, *I went to the woods because I wished to live deliberately, to front only the essential facts of life.*

Obviamente, tudo isso vai contra a ideia do progresso capitalista que já dominava a sociedade americana oitocentista, com consequências drásticas para a fauna, a flora e os povos originais, que foram dizimados. Em 1854, as árvores centenárias em volta da lagoa *Walden* foram comercializadas e derrubadas. Desapareceu a floresta que nosso autor conhecia bem desde criança e eternizou na sua obra adulta. Alguns anos mais tarde, Thoreau ainda participou dos primeiros esforços do reflorestamento da região. Hoje em dia, a fauna e a flora no sul de Concord estão protegidas por lei.

Agora, o professor Marcus vai falar sobre o fim do personagem Fausto na Segunda Parte da tragédia goethiana.

MM

“Quem se me opôs com força tão tenaz, / Venceu o tempo, o ancião na areia jaz”: com estas palavras Mefistófeles sumariza, diante do cadáver do centenário Fausto, a trajetória daquele que várias décadas antes escarnecera da possibilidade de vivenciar a plena satisfação neste mundo, de dizer: “Oh, para! és tão formoso!”.

Sobre esses vinte e oito versos pronunciados pelo colonizador cego e em “idade bíblica” — uma espécie de paródia do Moisés a quem é dado contemplar no momento da morte a sua Terra Prometida (para Fausto, a visão utópica de um povo livre trabalhando numa terra livre) — a filologia levantou um verdadeiro maciço de exegeses, muitas delas de cunho eminentemente político-ideológico, cujo espectro vai da extrema-direita à extrema-esquerda.

Para a leitura marxista da tragédia de Goethe, o discurso final de Fausto constitui evidentemente um momento privilegiado. Georg Lukács, em seus

Estudos sobre o Fausto de 1940, caracteriza esse monólogo como “a forma mais elevada e decidida da recusa subjetiva ao princípio demoníaco” (identificado com a dinâmica capitalista).

No entanto, tendências críticas mais recentes subordinam inteiramente os traços utópicos e “progressistas” que assomam nas derradeiras palavras de Fausto às marcas sombrias também disseminadas pelas cenas do quinto ato: a ordem de enviar imediatamente, em plena madrugada, os proletários escravizados às frentes de trabalho; a afirmação autocrática de que “um espírito” deve comandar “mil mãos”; o regozijo do colonizador com a multidão que lhe presta corveia; a ordem ao capataz Mefisto de recrutar à força, e sob engodo, mão de obra para a drenagem do charco.

Seria interessante atentar, nesse monólogo final do colonizador “na mais alta idade” (como diz a rubrica cênica no original), para sua referência a diques como defesa perante todas as possíveis ameaças que vêm do mar com o potencial de aniquilar a nova sociedade fáustico-mefistofélica construída em terras conquistadas às águas e arroteadas. Interessante seria também proceder à seguinte comparação: na boca do agora enceguecido colonizador, a suposta proteção através de diques tem um sentido concreto, ao passo que, no Príncipe de Maquiavel, a defesa proporcionada por diques aparece num contexto figurado; são os diques que devem se contrapor às vicissitudes da fortuna, com o fiorentino aconselhando metaforicamente a construção de toda sorte de barreiras e diques que possam fazer frente a “rios ruinosos” — inundações, terremotos, invasões inimigas, mas também epidemias — que trazem o aniquilamento.

Contudo, para o sempre “muito bem informado” Mefistófeles (como ele próprio dissera de si), essa luta já está decidida, pois diques e barragens de nada valerão: “À ruína estais mesmo fadados; — / Conosco os elementos conjurados, / E a destruição é sempre o fim”.

Vale também observar nesse monólogo final (versos 11.559 – 11.586) que, no original, Fausto diz que os vestígios da obra executada em seus dias terrenos não desaparecerão nem mesmo em “éones” (Äonen, em alemão), termo de origem grega, aion, que designa incomensuráveis períodos de tempo. Uma palavra característica do colonizador visionário e hiperbólico, mas não de Goethe, que — pode-se dizer — coloca-se nessa passagem ironicamente ao lado de sua personagem. Enquanto Fausto fala de eternidade, a morte e a destruição de sua obra parecem estar bem próximas. Fausto exalta o comum esforço, mas no seu entorno há uma multidão de trabalhadores escravizados, submetidos à opressão e corveia.

Por fim, logo após o colonizador tombar morto, Mefisto e os lêmures começam a arremedar as últimas palavras pronunciadas por Fausto ao selar a aposta e que retornam em seu desfecho: “Pare a hora então, caia o ponteiro. / O Tempo acabe para mim!”. E à alusão blasfema de Mefisto às últimas palavras de Cristo (“Está consumado!”, João, 19, 30), os lêmures irão contrapor o seu “passou”, que por sua vez irá provocar uma exacerbada reação de Mefisto.

Lembre-se, para entender a reação de Mefisto a esse “passou”, que já na ocasião de sua primeira aparição na cena “Quarto de trabalho”, Mefistófeles se caracterizara enquanto princípio niilista e destrutivo: “Sou o espírito que sempre nega! / E com razão; tudo o que vem a ser / É digno de perecer”. Na cena do desfecho do pacto-aposta, diante dos restos mortais de seu “tenaz” opositor, ele

proclama o “Vácuo-Eterno” (ou o Vazio-Eterno, das Ewig-Leere) como princípio universal da existência humana, do planeta Terra, de todo o cosmos. Assim ele radicaliza seu característico niilismo, negando realidade ao próprio ser — antes apenas “digno de perecer”: se toda a Vida é inexoravelmente arremessada ao “Nada”, como propõe aqui a lógica mefistofélica, é como se “nunca houvesse existido”.

Após ter concluído sua opera della vita, Goethe escreveu a um amigo em sete de setembro de 1831: “Mas devo salientar confidencialmente que me foi possível concluir a Segunda Parte do Fausto. [...] Não espere elucidação; à semelhança da história do mundo e dos homens, o último problema solucionado sempre desvenda um novo problema a ser solucionado”.

Uma questão, contudo, que nessa perspectiva dificilmente se poderá solucionar diz respeito ao futuro da civilização fáustica, que não é outra coisa senão uma figuração genial da sociedade industrial que começa a emergir nos últimos anos de vida do dramaturgo. Sucumbirá a imensa colônia de Fausto, como nos assegura Mefistófeles, às investidas dos elementos e a ameaças como as que despontam no monólogo final do colonizador? Ou seu legado estará destinado a perdurar pelos séculos vindouros?

Se o octogenário Goethe, concluindo a obra em que trabalhou ao longo de 60 anos, deixa essa questão em aberto, nela também se espelham hoje as incertezas de um mundo confrontado com ameaças como aquecimento global, mudanças climáticas, extinções de espécies ou irrupção de pandemias devastadoras. E talvez somente hoje, em face dessa profunda crise ecológica da sociedade industrial, possamos aquilatar em toda sua profundidade o realismo e a clarividência de Goethe. Não surpreende, portanto, que um crítico da envergadura de Alfredo Bosi tenha feito a seguinte observação no ensaio “Lendo o Segundo Fausto de Goethe” (BOSI, 2010, p. 68):

Transcorridos dois séculos da concepção do drama goethiano, olhamos em torno de nós e, em meio ao que restou da Natureza depois das investidas da revolução industrial, sentimos que é necessário lutar contra as mesmas forças que arrasaram a casa de Filêmon e Báucis e queimaram as suas velhas tílias. Falamos em “desenvolvimento sustentável”, que os franceses exprimem com uma conotação temporal (*développement durable*), e temos a esperança de deter o processo de aquecimento global. Ainda e sempre o fogo, emblema dos inferos!

Desfecho do Pacto-aposta, FAUSTO II (trad. Jenny Klabin Segall)

FAUSTO

Chefe?

Verso 11.552

MEFISTÓFELES

Eis-me aqui!

FAUSTO

Com rogo e mando,
Contrata obreiros às centenas,
Promete regalias plenas,
Paga, estimula, vai forçando.
De dia em dia deixa-me informado
De como se prolonga a obra do cavado.

MEFISTÓFELES

(a meia voz)
Trata-se, disso tive a nova,
Não de um cavado, mas — da cova.

FAUSTO

Do pé da serra forma um brejo o marco,
Toda a área conquistada infecta;
Drenar o apodrecido charco,
Seria isso a obra máxima, completa.
Espaço abro a milhões — lá a massa humana viva,
Se não segura, ao menos livre e ativa.
Fértil o campo, verde; homens, rebanhos,
Povoando, prósperos, os sítios ganhos,
Sob a colina que os sombreia e ampara,
Que a multidão ativa-intrépida amontoara.
Paradisiaco agro, ao centro e ao pé;
Lá fora brame, então, até à beira a maré.
E, se para invadi-la à força, lambe a terra,
Comum esforço acode e a brecha aberta cerra.
Sim! da razão isto é a suprema luz,
A esse sentido, enfim, me entrego, ardente:

À liberdade e à vida só faz jus,
Quem tem de conquistá-las diariamente.
E assim, passam em luta e em destemor,
Criança, adulto e ancião, seus anos de labor.
Quisera eu ver tal povoamento novo,
E em solo livre ver-me em meio a um livre povo.
Sim, ao Momento então diria:
Oh! para enfim — és tão formoso!
Jamais perecerá, de minha térrea via,
Este vestígio portentoso! —
Na ima presciência desse altíssimo contento,
Vivo ora o máximo, único momento.

(Fausto cai para trás, os Lêmures o amparam e o estendem no solo)

MEFISTÓFELES

Jamais se satisfaz, vão lhe é qualquer contento,
Miragens múltiplas corteja ansiado;
Ao último, oco, insípido momento,
Tenta apegar-se ainda o coitado.
Quem se me opôs com força tão tenaz,
Venceu o tempo, o ancião na areia jaz.
Para o relógio —

CORO

Para! Qual meia-noite está calado. Cai o ponteiro,

MEFISTÓFELES

Cai. Está, pois, consumado.

CORO

Passou.

MEFISTÓFELES

Passou! palavra estúpida!

Passou por quê? tolice!

Passou, nada integral, insípida mesmice!

De que serve a perpétua obra criada,

Se logo algo a arremessa para o Nada?

Pronto, passou! Onde há nisso um sentido?

Ora! é tal qual nunca houvesse existido,

E como se existisse, embora, ronda em giro.

Pudera! o Vácuo-Eterno àquilo então prefiro.

KE

Duas gerações mais novo do que Goethe, Thoreau lia alemão sem dificuldades e admirava o autor europeu; sua leitura da *Viagem à Itália goethiana* está bem documentada (RICHARDSON, 1986, p. 27-31). Em *Walden* encontramos trechos como aquele já citado, onde a voz do narrador quer “enfrentar apenas os fatos essenciais da vida, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido”; seu parentesco espiritual com Goethe é nítido.

Além de publicar ensaios e relatos de viagens, escrever poesia e palestrar para a comunidade, Thoreau manteve um diário manuscrito. Este começou como um registro de ideias, cresceu até se transformar em um caderno de escritor e, eventualmente, se tornou o principal trabalho imaginativo de sua carreira. No início do século passado foram publicados quatorze volumes do diário; durante as últimas décadas tem se publicado uma edição nova, a Princeton edition. A partir desses diários entendemos por que Thoreau é considerado o fundador do nature writing moderno. As páginas documentam o encontro com o outro que não somos, com pequenos insetos, pássaros, anfíbios, árvores grandes e plantinhas minúsculas, com lagoas e montanhas, rios e caminhos terrestres da Nova Inglaterra. Tudo isto é acompanhado de sentenças filosóficas, observações sociais, reminiscências históricas, versos poéticos, reflexões sobre as ciências e sobre a própria pessoa. Thoreau é não somente um brilhante observador que dá plena atenção aos mais diversos fenômenos naturais, mas combina isso com a qualidade de observar-se a si mesmo. Ele tem consciência do seu lugar de fala e da sua perspectiva cultural.

No seu diário ou Journal, Thoreau se posiciona claramente contra a mercantilização da vida, a exploração ilimitada dos recursos naturais e a colonização da natureza em geral. Não se trata de fugir da civilização, mas de ajudar a transformá-la, sob a perspectiva de que uma relação de dominação com a natureza para transformar tudo em mercadoria não tem futuro.

Além disso, o diário tem uma função temporal. Ao seguir uma ordem aparentemente cronológica, resgata na escrita os encontros felizes com a natureza sob o céu aberto. O diário de Thoreau está a serviço de Kairós – é sua maneira de dizer ao momento, com as palavras de Fausto: Oh! para enfim – és tão formoso! Thoreau, Journal, abril de 1852:

Pela primeira vez percebo nesta primavera que o ano é um círculo. Vejo claramente o arco da primavera até agora. Ele é desenhado com uma linha firme. Cada incidente é uma parábola do grande professor. Os cranberries levados para os prados e ao lado dos caminhos agora produzem um ácido agradável. Por que especificamente essas visões e sons deveriam acompanhar nossa vida? Por que eu deveria ouvir o chilrear dos melros — por que sentir o cheiro do gambá a cada ano? Eu gostaria de explorar a misteriosa relação entre mim e essas coisas. Eu pelo menos saberia o que essas coisas inevitavelmente são — faria um gráfico de nossa vida — saberia suas margens — que borboletas reaparecem e quando — saberia por que apenas esse círculo de criaturas completa o mundo. (THOREAU, 2017b, April 18, 1852)

KE

Thoreau fala aqui do paladar, de sons e de cheiros. Ele combina o encontro com a fauna e flora locais e as reações sensoriais do sujeito com uma reflexão sobre o tempo circular da natureza. Esta segue irrevogavelmente as quatro estações do ano, principalmente no nordeste dos EUA, onde ele mora.

Entre os ensaios naturalistas thoreauvianos, o mais influente e mais traduzido é Walking. Ali o autor explica sua prática de caminhar diariamente algumas horas nos arredores da cidade. Andar pelos prados e bosques é tanto um exercício corporal quanto espiritual. Caminhando, o indivíduo estabelece de forma afetiva laços estéticos com a vida natural, com aquilo que de fato compartilhamos com os outros seres. Ao contrário disso, andar à toa, sem objetivo específico, era simplesmente perda de tempo para os conterrâneos do autor. Walking tem inspirado dezenas de livros ensaísticos que apresentam experiências parecidas.

Vamos conhecer alguns poucos trechos do ensaio de Thoreau, Caminhando:

Acho que não consigo preservar minha saúde e meu ânimo se não passar quatro horas por dia, pelo menos — e geralmente é mais do que isso —, vagando através das matas, dos morros e dos campos, absolutamente livre de todos os compromissos terrenos. Você pode propor um centavo para ler meus pensamentos, ou até mil libras. Quando às vezes lembro que os artesãos e os negociantes ficam em suas lojas não só toda a manhã, mas toda a tarde também, sentados de pernas cruzadas, tantos deles — como se as pernas fossem feitas para se sentar sobre elas e não ficar de pé ou caminhar sobre elas —, acho que merecem algum crédito por não terem todos cometido o suicídio há muito tempo. [...] Mas a caminhada de que falo nada tem a ver com praticar exercício, como se diz, assim como os doentes tomam remédios em horas determinadas, como o levantamento de halteres ou de cadeiras, ela é, na verdade, a empreitada e a aventura do dia. Se você deseja exercício, procure as fontes da vida. Pense num homem que levanta halteres para a sua

saúde, quando aquelas fontes borbulham em pastagens distantes não procuradas por ele! [...] Quando caminhamos, buscamos naturalmente os campos e os bosques. [...] Claro que não vale de nada dirigir nossos passos para os bosques se eles não nos levam para lá. Fico alarmado quando acontece de eu ter caminhado uma milha bosque adentro, sem entrar lá em espírito. Na minha caminhada vespertina de bom grado me esqueceria de todas as ocupações matutinas e de minhas obrigações para com a sociedade. Mas eventualmente ocorre que não consigo me desvencilhar tão facilmente da cidade. A ideia de algum trabalho me passa pela cabeça e não estou onde o meu corpo está - perco a noção das coisas. Em minhas caminhadas eu pretendo voltar aos meus sentidos. Que tenho a fazer no bosque, se estou pensando em algo fora do bosque? Suspeito de mim mesmo e não posso me impedir de ter um calafrio, mesmo quando me encontro tão implicado no que são chamadas as boas ações – pois isto pode algumas vezes acontecer. Minhas cercanias permitem muitas e boas caminhadas; e embora por muitos anos tenha caminhado quase todo dia, e, ocasionalmente durante vários dias, ainda não as exauri. Uma perspectiva absolutamente nova é uma grande felicidade e sempre posso consegui-la a qualquer tarde. Duas ou três horas de caminhada me levarão a uma região tão estranha como as que gostaria de conhecer. Uma casa de fazenda isolada que eu nunca vira antes é às vezes tão admirável quanto os domínios do rei do Daomé. (THOREAU, 2012, p. 51, 53, 54-55)

MM

Em sua autobiografia *Poesia e verdade*, Goethe afirma que *Os sofrimentos do jovem Werther*, seu romance de estreia, teria sido escrito em apenas quatro semanas, sem o apoio de qualquer plano ou esquema de conjunto, de maneira “bastante inconsciente, à maneira de um sonâmbulo”. Sua publicação em 1774 valeu ao jovem autor do movimento posteriormente chamado “*Tempestade e Ímpeto*” o que “talvez tenha sido”, nas palavras de Walter Benjamin no verbete já mencionado, “o maior sucesso literário de todos os tempos, a obra em que Goethe consumou o tipo da autoria genial”.

Compreendendo o período de 4 de maio a 10 de setembro de 1771, as cartas do primeiro livro narram sua chegada a uma pequena cidade alemã (sugere-se vagamente que o motivo da viagem se deve a assuntos de herança), algumas impressões da sociedade local e da natureza circundante, pela qual o jovem desenvolve de imediato uma forte empatia: “A solidão, nesta paisagem paradisíaca, é um bálsamo precioso para o meu coração, e esta estação da juventude aquece-me plenamente o coração que tantas vezes se arrepia. Cada árvore, cada sebe é um ramalhete de flores, e a gente gostaria de se transformar num besourinho para esvoaçar neste oceano de odores e dele tirar todo alimento”. (Observe-se já neste trecho da carta de abertura a dupla ocorrência da palavra “coração”, que ocupa posição central no romance wertheriano – só no primeiro parágrafo da carta ela é pronunciada três vezes!)

A carta comentada a seguir é a segunda do romance e traz a data de 10 de maio de 1771. Como outras cartas do primeiro livro, ela pode ser lida como um dos grandes exemplos do que hoje se chama *Nature Writing*, que cerca de oito décadas mais tarde encontraria um de seus momentos culminantes em *Walden* (1854), de Henry David Thoreau. Uma das características estilísticas que chamam a atenção nessa breve carta são as várias orações que antecedem (e preparam) as duas exclamações “Ah!”, que exprimem uma declaração de amor panteísta pela natureza, expressam o suspiro de esvanecimento do jovem Werther perante a

comoção religiosa, a predisposição, ainda antes do fatídico encontro com Lotte, para amar incondicionalmente.

Goethe nos oferece com essa carta um dos exemplos mais elevados do estilo da “sentimentalidade” (Empfindsamkeit) e um de seus modelos, conforme aponta Ernst Beutler num estudo de 1951 sobre a epistolografia goethiana de juventude, encontra-se no 9º Livro das Confissões de Santo Agostinho, isto é, a reconstituição do último diálogo com sua mãe Mônica, que poucos dias depois faleceria em Óstia, nas proximidades de Roma:

E dizíamos: Suponhamos que se calasse o tumulto da carne, as imagens da terra, da água, do ar e até dos céus; [...] Por acaso quando todos ressuscitarmos? Mas então não seremos todos transformados? Tais coisas dizíamos, embora não deste modo, nem com estas palavras.

Dizíamos, então: se em alguém se calar o tumulto da carne, se se calarem as imagens da terra e das águas e do ar, se se calar a abóbada celeste e a própria alma se calar e se ultrapassar deixando de pensar em si mesma, se se calarem os sonhos e as aparições da imaginação, se toda linguagem e todo signo e tudo o que se dá transitoriamente se calar completamente em alguém — porque, para quem as escuta, todas essas coisas dizem: Nós não fizemos a nós mesmas, quem permanece na eternidade nos fez —, se dito isso silenciarem, após termos orientado nosso ouvido para quem as fez, e este só falar não por elas, mas por ele mesmo, para que ouçamos sua Palavra, não pela língua carnal ou pela voz de um anjo ou pelo estrondo de uma nuvem ou pela analogia de um enigma, mas ouçamos ela mesma, a que amamos nessas coisas, ela sem elas, assim como agora nos estendemos e por uma rápida reflexão atingimos a sabedoria eterna que permanece acima de tudo, se isso se prolongar e forem eliminadas as outras visões de um gênero muito inferior e essa única capturar e absorver e imergir seu observador numa beatitude interior, de maneira que a vida eterna seja igual à intuição instantânea de que já temos saudade, não será isto: Vem alegrar-te com teu Senhor? E quando isso? Talvez quando todos ressurgiremos, mas nem todos seremos transformados? Assim falávamos, ainda que não dessa maneira e com essas palavras [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2017, p. 192-93).

Goethe, Os sofrimentos do jovem Werther:

Uma serenidade admirável domina minha alma inteira, semelhante à doce manhã primaveril que eu gozo de todo o coração. Estou tão só e minha vida é feita de alegrias por viver numa região que parece ter sido criada para almas como a minha. Estou tão feliz, meu amigo, tão mergulhado na sensação de minha calma existência, que a minha arte sofre com isso. Não poderia desenhar nada agora, nem sequer um traço, embora jamais tenha sido tão grande pintor quanto neste instante. Quando a bruma do vale se levanta a minha volta, e o sol altaneiro descansa sobre a abóbada escura e impenetrável da minha floresta, e apenas alguns escassos raios deslizam até o fundo do santuário, ao passo em que eu, deitado no chão entre a relva alta, na encosta de um riacho, descubro no chão mil plantinhas desconhecidas... Quando sinto mais perto de meu coração a existência desse minúsculo mundo que formiga por entre a relva, essa incontável multidão de ínfimos vermes e insetinhos de todas as formas e imagino a presença do Todo-poderoso, que nos criou a sua imagem e semelhança, e o hálito do Todoamado que nos leva consigo e nos ampara a pairar em eternas delícias... Ah, meu amigo, quando o mundo infinito começa a despontar assim ante meus olhos e o céu se reflete todo ele em minha alma, como a imagem de uma amada... Então suspiro profundamente e penso: Ah! pudesses tu voltar a expressá-lo, pudesses tu exalar o sentimento e fixar no papel aquilo que vive em ti com tanta abundância e tanto calor, de maneira que o mesmo papel pudesse se fazer o espelho de tua alma, como tua alma é o espelho do Deus

infinito! Meu amigo! Mas vou ao chão ante isso, sucumbo ante o poder e a majestade dessas aparições.

MM

Na segunda parte d'Os sofrimentos do jovem Werther, que engloba o período de 20 de outubro de 1771 até o Natal de 1772, não mais nos deparamos com momentos de um Nature Writing como o que se manifesta na missiva wertheriana de 10 de maio. Predominam os sentimentos de um jovem – o mais legítimo representante do movimento que viria a ser conhecido como “Tempestade e Ímpeto” – que pode ser caracterizado, conforme formula ainda Walter Benjamin, não apenas como “o amante infeliz que encontra, no seu desespero, caminhos de volta à natureza, caminhos que nenhum amante voltara a procurar desde a Nouvelle Heloïse de Rousseau; ele é também o cidadão cujo orgulho se fere nas barreiras de sua classe e que, em nome dos direitos humanos, até mesmo em nome da criatura, exige o seu reconhecimento”.

O último passo no protesto desse “amante infeliz” e “cidadão ferido” será o suicídio e com isso se escancara uma diferença fundamental em relação aos panteístas Thoreau e Goethe, cuja formação se deu integralmente na e pela Natureza.

KE

Nunca é demais lembrar que a figura do jovem Werther não representa a voz de Goethe, para quem a correspondência romântica entre o ambiente natural e o ser humano é vista “como o impulso da natureza em nós, como a ordem maior em que estamos inseridos”. Esta experiência espírito-sensual acontece quando generalizamos a experiência estética de uma beleza natural específica, visando a totalidade da nossa vida e do mundo. Uma característica importante do romantismo é sua compreensão holística do mundo, resultado de um princípio universal idealista: o espírito, a Over-Soul no caso dos transcendentalistas americanos, conecta todos os seres e fenômenos naturais, inclusive indivíduos humanos.

Para muitos românticos europeus e norte-americanos, a incessante instrumentalização da natureza implica em empobrecimento espiritual e estético. Thoreau sempre procurou estabelecer uma relação não instrumental com um lugar, mesmo quando agiu como agrimensur. Nunca ignorou as qualidades estéticas e ecológicas das coisas, a beleza de uma paisagem inteira ou simplesmente de uma pequena bolinha azul-roxo, a frutinha de um pé de mirtilo.

O último trecho de Thoreau citado em seguida é novamente de Walden. Trata-se de uma cena no lago ao início de uma noite, uma paisagem literária que evoca a sensação de um desfazer-se, fundir-se na presença total da natureza a partir de uma “invulgar afinidade com todos os elementos naturais”, como diz o texto traduzido. O Kairós aqui implica na superação do modelo dualista da modernidade. Em pouco mais de meia página experimentamos a totalidade de um mundo que não está mais dividido em “corpo” e “alma”, em civilização e natureza, em sujeito agente e objeto paciente.

Convém lembrar que Walden não é um diário de um sujeito enunciativo que anotou na hora (ou no dia posterior) determinadas experiências concretas. A obra

foi publicada sete anos depois da saída do lugar; até lá, foi reescrita sete vezes, como relatam seus editores e pesquisadores (WALLS, 2017). Além disso, Thoreau condensou na sua obra literária a própria estadia de dois anos na região do lago em um ciclo natural de um ano só. Thoreau, *Walden*, cap. Solidão:

É uma noite deliciosa, em que o corpo todo é um sentido só, e absorve prazer por todos os poros. Vou e volto em estranha liberdade na Natureza, uma parte dela mesma. Quando percorro a margem pedregosa do lago em mangas de camisa, embora esteja frio, nublado e ventoso e não veja nada de especial que me atraia, sinto uma invulgar afinidade com todos os elementos. As rãs-touro trombeteiam anunciando a noite, e o vento ondulante que vem das águas traz o canto do noitibó. A harmonia com as folhas adejantes do choupo e do amieiro quase me tira a respiração; porém, como o lago, minha serenidade se ondula, mas não se encrespa. Essas pequenas ondas levantadas pelo vento noturno estão tão distantes de um temporal quanto a lisa superfície cristalina. Agora está escuro, mas o vento ainda sopra e ruga na mata, as ondas ainda se quebram, e algumas criaturas embalam as demais com suas melodias. O repouso nunca é completo. Os animais mais ariscos não repousam e agora procuram suas presas; a raposa, a jaritaca e o coelho agora percorrem os campos e as matas sem medo. São os vigias da Natureza – elos que conectam os dias agitados. (THOREAU, 2017a, p. 129)

KE

Precisamos de Thoreau no século 21? Parece que um ensaio como *Walking* ou uma cena pastoral como essa última reproduzida aqui implicam num conceito de natureza tradicional, pouco complexo, parcialmente ultrapassado. Mas acredito (com Timothy Clark) que estudar Thoreau pode levar a um processo de reorientação cultural. O poder literário de uma obra como *Walden* é experimentada diariamente por leitores no mundo inteiro. Em tempos de esgotamento do capitalismo, em tempos de esgotamento do mundo, a escrita kairológica de Thoreau é capaz de renovar nos seus leitores energias perdidas. Sua orientação ético-política constitui um antídoto contra o crescente individualismo narcisista.

Kairós: The opportune moment in Goethe and Thoreau

ABSTRACT

This text documents the annotated reading that concluded the event “Ressonâncias” on November 9, 2024. The selection of Goethe’s excerpts and the corresponding commentaries were prepared by Professor Marcus Mazzari, USP (MM), while the brief introduction, the selection of Thoreau’s excerpts, and the corresponding commentaries were prepared by Professor Klaus Eggensperger, UFPR (KE). For this version, the authors revised their commentaries and included the necessary bibliographic references. The (former) graduate students from the Graduate Program in Letters at UFPR, Geisa Mueller, Priscila Prado, and Liz Oliveira, performed the readings aloud of the selected literary works.

KEYWORDS: C Goethe. Thoreau. Kairós.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Lendo o Segundo Fausto de Goethe. In: Fausto e a América Latina. Ed. Helmut Galle e Marcus Mazzari. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 51-71.

EGGENSPERGER, Klaus (ed.). Entre botânicas decoloniais: as frutas silvestres de Henry David Thoreau e frutas brasileiras. Curitiba: Appris, 2021.

GOETHE, Johann Wolfgang. Os sofrimentos do jovem Werther. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Fausto: uma tragédia – segunda parte. Trad. Jenny Klabin Segall, org. e notas Marcus V. Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2007a.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Fausto: uma tragédia – segunda parte. Trad. Jenny Klabin Segall, org. e notas Marcus V. Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2007b.

HADOT, Pierre. Exercícios espirituais e filosofia antiga. Tradução Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

HADOT, Pierre. Não se esqueça de viver: Goethe e a tradição dos exercícios espirituais. Tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2019.

JAEGER, Michael. Fausts Kolonie: Goethes kritische Phänomenologie der Moderne. Tradução Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

JAEGER, Michael. A aposta de Fausto e o processo da Modernidade”. In: Revista Estudos Avançados, nº 59, 2007, online: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6LFB6HPhYFfDqhjtdv8Bq7g/>

ONFRAY, Michel. As radicalidades existenciais. Tradução Everson Machado, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

RICHARDSON, Robert D. Jr. Henry Thoreau: a life of the mind. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1986.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. Trad. de Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Companhia, 2017.

THOREAU, Henry David. Walden. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2017a.

THOREAU, Henry David. Thoreau's Journals. Delphi Classics. Edição do Kindle, 2017b.

THOREAU, Henry David. Thoreau's Wildflowers. Ed. Geoff Wisner. New Haven; London: Yale University Press, 2016.

THOREAU, Henry David. Caminhando. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

WALLS, Laura Dassow. Henry David Thoreau: a life. Chicago; London: University of Chicago Press, 2017.

WEINRICH, Harald. Knappe Zeit: Kunst und Ökonomie des befristeten Lebens. München: C.H. Beck, 2008.

Recebido: 17 jul. 2025

Aprovado: 20 ago. 2025

DOI: 10.3895/rl.v27n50.21237

Como citar: EGGENSPERGER, K.F.W.; MAZZARI, M. Kairós: o momento oportuno em Goethe e Thoreau. R. Letras, Curitiba, v. 27, n. 50, p. 1-21, jan./jul. 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

